



Dia sem guerra

Alla Bogolepova

Crónica publicada na Gazeta.ru,
a 9 de Maio de 2018

<https://www.gazeta.ru/comments/column/-bogolepova/11743951.shtml>

Princípio de Maio. O céu está azul. O sol brilha. Famílias passam com crianças em trajes festivos: meninos de camisa branca, meninas com grandes laços. Balões, bandeiras, soam canções da nossa infância, como a «Valsa de Maio», ergue-se a voz dos que chegam à festa: «S Dniom Pobedy! S nastupaiushim! S prazdnikom!» [Feliz Dia da Vitória! Bom Feriado!]

Não se trata de uma imagem na televisão nem de uma distante recordação da infância. Foi em Lisboa no Domingo passado. E por isso, no meio da multidão, ouve-se por vezes falar português, e em vez do Danúbio Azul, da canção sobre a Primavera de 1945, aqui temos o Tejo azul, e um rapaz com uma *pilotka* [bivaque do Exército soviético] pronuncia «soldátskaya kasha» [«papas de soldado»] com sotaque. É um português que estudou na URSS. Pertence à Associação Iúri Gagárin, uma associação de amizade luso-soviética, fundada há mais de 40 anos. A URSS já não existe, mas a Associação Iúri Gagárin não só existe, como está bem viva.

A Segunda Guerra Mundial não chegou a Portugal, este pequeno país no extremo ocidental da Europa não participou nesse terrível conflito, mas também tem os seus heróis de guerra. Heróis e vítimas, como Aristides de Sousa Mendes, Cônsul-Geral da Embaixada de Portugal em Bordéus.

Trata-se de um homem que assinou pessoalmente vistos a trinta mil refugiados do nazismo. Um diplomata que ousou desobedecer às ordens expressas do seu governo, que proibira dar vistos a «estrangeiros de origem indefinida, sem nacionalidade ou judeus, fugidos dos seus países de origem».

Pelas trinta mil vidas que salvou, Aristides de Sousa Mendes pagou com a sua carreira, com o bem-estar da sua família e, por fim, com a própria vida, pois foi afastado de todos os seus cargos, expropriado dos seus bens, morreu sozinho e na miséria.

Aqui as pessoas também sabem da terrível guerra – não tanto

como na Rússia, mas sabem. E sabem muito bem o que é o fascismo.

E, provavelmente por isso, não se põe a questão de saber em que dia deve ser festejada a vitória sobre ele. Pode ser em qualquer dia de qualquer ano, pois nenhuma vitória é mais importante do que aquela que depois nos permite dizer: «Fascismo NUNCA MAIS».

Esta é uma palavra de ordem da Revolução dos Cravos, mas no domingo passado os cartazes com estas palavras, trazidos pelos portugueses, não podiam vir mais a propósito.

– Esta vai ser uma festa bilingue – disse-me a minha amiga. Repara, tudo o que se diz em russo na tribuna é traduzido para português.

Na realidade, aqui ouve-se muito mais línguas. No meio da multidão em festa ouvi falar polaco, ucraniano, georgiano, uzbeque e letão. E eram tantas bandeiras sob o céu azul português que eu nem acreditava no que via: nós já não somos do mesmo país, não nos damos, até nos tornámos inimigos – infelizmente, assim acontece, quem disse que a história que acaba com estados inteiros nos pouparia?

Vai haver problemas, disse eu tristemente, há poucos polícias. Na realidade, só havia três, em toda aquela área, e o seu papel resumia-se a dizer: «Não foi o Sr. que deixou cair o casaco? De quem é este casaco? Quem o perdeu?» É mais que certo que vai haver problemas.

– Hoje não – foi a resposta rápida de um homem que trazia uma bandeira ucraniana.

O seu tom não foi amigável. Foi até frio. Não sorriu e desviou claramente o olhar de uma bandeira da DNR [República Popular de Donetsk].

E por isto teve ainda mais significado o seu seco «Hoje não». Amanhã talvez. Mas hoje não.

É que a nós não nos resta mais nada, a não ser esta festa. Nós alheámo-nos, e talvez isso seja normal. Mas já esta vitória, em memória da qual estas pessoas se reuniram na Alameda, em Lisboa, é de nós todos.

E aconteça o que acontecer agora, isto não será apagado nem pela história, nem pela política, nem pelo tempo.

Só nós próprios poderemos esquecer isto, e eu não quero

esquecer que se hoje vejo o céu azul, as palmeiras e esta Lisboa de Maio florida, devo-o ao georgiano e ao ucraniano que em 1943 tiraram o meu avô russo da linha de fogo da artilharia. Nessa altura eles eram rapazes. Depois regressaram da guerra e todos os anos se encontravam a 9 de Maio. Tiveram filhos e netos, que hoje, por qualquer razão, discutem se esta festa está certa ou não.

Aquele ucraniano era um comunista convicto, com ideais, honesto. O meu avô devolveu o cartão do Partido e ouvia à noite a «Voz da América». O georgiano queixou-se a vida toda por a filha ter casado com um russo. Tinham acesas discussões, estes homens que aos vinte anos ganharam cabelos brancos. Mas «Hoje não». No Dia da Vitória tudo ficava para trás, e eu própria só entendi porquê quando ganhei cabelos brancos.

Porque nada é mais importante do que a vida humana. Quando estás vivo, podes ser comunista ou liberal, ateu ou crente. Podes odiar o genro, adorar os netos, podes amar, desprezar, ficar calado ou lutar por aquilo em que acreditas. Quando estás vivo.

Nós estamos vivos. E todos fazemos escolhas diferentes. Houve quem escolhesse não festejar. E houve quem trouxesse os filhos – que crescem em Portugal, alguns já falam melhor português do que russo –, porque escolheu lembrar. Amanhã tudo volta ao mesmo: a vida habitual, a política, a televisão, a hostilidade mútua. Mas «hoje não», não no único dia em que bandeiras diferentes se enfunam ao vento do oceano como uma só. Porque hoje todas estas bandeiras, a soviética, a russa, a ucraniana e a georgiana, são as bandeiras da vitória sobre o mal, a vitória que está acima das fronteiras e da política.

E sabem que mais?

Ao olhar para as pessoas que vieram à festa eu compreendi: elas estão aqui, não porque as obrigaram, mas porque elas mesmas quiseram. São pessoas livres, que decidem o que querem festejar, como e quando. Decidem o que as alegra e o que as entristece. O que sentem. Que canções cantar e a quem abraçar.

E sabem o que isso significa?

Que o meu avô, e os vossos avós, e todos os que combateram, de facto venceram.